

PT ALERTA Privatização da Petrobrás é erro estratégico

Proposta de Bolsonaro de vender ativos da estatal atenta contra a soberania. Tarifas de combustíveis vão aumentar

O governo Bolsonaro adotou uma política de venda de ativos da Petrobrás que atenta contra os interesses do país e entrega o patrimônio público a estrangeiros. Desde janeiro, a política de desinvestimento implantada pelo Planalto já colocou à venda a rede de gasoduto da empresa no Nordeste, por R\$ 33,5 bilhões, e o controle da BR Distribuidora por R\$ 8,6 bilhões. O próximo passo é a venda de oito refinarias por R\$ 60 bilhões.

A decisão é um erro estratégico. O governo colocou à venda ativos por R\$ 130 bilhões. É pouco. Entre 2009 e 2014, foram investidos pelos governos Lula e Dilma mais de US\$ 250 bilhões na Petrobrás. Nem a propalada promessa de redução dos preços de combustível é certa. O fim da verticalização da empresa – do poço ao posto – vai resultar no aumento dos preços das tarifas de combustíveis. Até 2016, como a empresa mantinha uma política integrada, a geração de caixa pelas subsidiárias compensava eventuais perdas na exploração e produção de petróleo. E vice-versa. A partir da saída de Dilma Rousseff, isso mudou.

Isso ocorre em meio a uma crescente demanda por fontes de energia no planeta. A produção de petróleo aumentou no Brasil graças às reservas do pré-sal, enquanto houve queda acentuada nos demais países produtores, por falta de investimento e ausência de descobertas de novas reservas de petróleo e gás natural. Foi esta condição que tornou a Pe-



Foto: Divulgação/Petrobrás

trobrás, na última década, a petroleira com melhor perspectiva de crescimento no mundo.

O governo Bolsonaro erra ao querer tirar o controle da política energética do país das mãos da União. Além disso, a Petrobrás vai perder receita com a venda de ativos, especialmente diante das transformações graduais que se impõem ao setor de óleo e gás no mundo.

Vale lembrar que, em 2016, a Petrobrás tornou-se a maior produtora de petróleo da América Latina, superando Venezuela e México. Com isso, o valor da empresa saltou de R\$ 54 bilhões em 2002 para R\$ 210 bilhões. A estatal está hoje entre as 10 maiores petroleiras do planeta, a maioria delas estatais controladas por suas nações. Vender a Petrobrás, portanto, não é bom negócio.

“ O presidente Jair Bolsonaro é o maior privatista que temos. Quer tirar o governo de áreas em que a iniciativa privada pode assumir

Salim Mattar

Secretário Especial de Desestatização e Desinvestimento do governo

Foto: Divulgação/Petrobrás



HISTÓRIA O primeiro poço de petróleo foi furado em Lobato, na Bahia, em 1939

ESTRATÉGIA Há 80 anos, ouro negro era descoberto na Bahia

O sonho do país ter uma empresa como a Petrobrás, criada em 1953 por Getúlio Vargas, remonta à década de 30 e nasceu dentro do Exército brasileiro. Em 1938, o Estado-Maior das Forças Armadas apontou a necessidade de uma política para o petróleo, propondo o monopólio estatal. Em 29 de abril de 1938, Getúlio Vargas criou o Conselho Nacional do Petróleo, restringindo o refino a empresas formadas por brasileiros natos. O primeiro presidente do CNP foi

o general Horta Barbosa. Foi quando o petróleo jorrou pela primeira vez, em janeiro de 1939, em Lobato, na Bahia. Também foi sob a liderança de Horta que foram iniciados os estudos para a refinaria de Mataripe, também na Bahia.

O que hoje é a realidade palpável em reservas robustas de petróleo parecia uma miragem há 70 anos. Em novembro de 1942, o Brasil só se convenceu de que havia farto petróleo no país quando o jornalista Sa-

muel Wainer, na revista *Diretrizes*, entrevistou o geólogo americano Glenn Rugby, responsável pela descoberta de petróleo na Terra do Fogo, que anunciou e advertiu: “Existe muito petróleo no Brasil. Só as nações que controlam sua energia podem controlar seu destino”.

Entre 1945 e 1953, quando Getúlio criou a Petrobrás, foi pela ação dos militares que o sonho de o Brasil desenvolver uma indústria de petróleo deixou de ser miragem e passou a ser possível. Em 1947, o Clube Militar deflagrava um movimento contrário à abertura do mercado de petróleo ao capital estrangeiro. Nos debates, o General Horta foi quem fez a defesa fervorosa do monopólio estatal de então.

Em 21 de abril de 1948, um ato no Automóvel Clube do Rio marcava a ampla rejeição dos brasileiros ao projeto do Estatuto do Petróleo, que abria o mercado nacional. Nascia ali o Centro de Estudos e Defesa do Petróleo, uma entidade civil que reuniu militares, civis, intelectuais, estudantes e trabalhadores em torno da campanha “O petróleo é nosso”. O Centro era presidido pelo general Felicíssimo Cardoso, chamado de *General do Petróleo*, tio do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.

DE LOBATO: O PETRÓLEO É NOSSO

Em 21 de Janeiro de 1939, o Brasil descobria o primeiro poço de petróleo do país, no município de Lobato, no interior da Bahia. Um acontecimento marcante na história nacional, resultado da luta de sonhadores, como o escritor Monteiro Lobato, que sempre acreditaram que o território brasileiro era rico nesse mineral. Os pioneiros foram Oscar Cordeiro e Manoel Inácio Bastos, sob jurisdição do recém-criado Conselho Nacional do Petróleo. A descoberta gerou euforia nacional.

O então presidente Getúlio Vargas, em discurso no rádio, deu expansão à frase criada por Monteiro

Lobato: “O Petróleo é Nosso”. Tal slogan se transformaria em grande campanha nacional e virou símbolo da campanha nacionalista lançada em 1946 em defesa da soberania brasileira sobre o recurso, pois as riquezas brasileiras, desde as origens, sempre foram cobiçadas por potências internacionais como os Estados Unidos.

A perfuração do poço DNPM-163 foi iniciada em 29 de julho de 1938. Mesmo sendo considerada sub-comercial, a descoberta incentivou novas pesquisas do CNP na região do Recôncavo Baiano. Sete anos depois, surgia a Petrobrás.



VISÕES Getúlio criou empresa, idealizada dentro do Exército

Quando Getúlio Vargas iniciou seu segundo governo, em 1951, o movimento de opinião pública tinha preparado o terreno para o projeto de lei que viria a dar vida à Petrobrás. Entre 1951 e 1953, o Brasil assistiu a um intenso debate sobre a conveniência de se criar uma empresa para explorar e refinar petróleo. Em 21 de setembro de 1953, a Câmara aprovava o projeto. Nascia a Petrobrás, empresa de capital misto, com controle da União. A Lei 2.004 seria sancionada por Getúlio em 3 de outubro.

Seis meses depois, em 10 de maio de 1954, a Petrobrás entrava em atividade. Herdava do Conselho Nacional do Petróleo, criado nos anos 30 pelo Exército, poucos campos de petróleo, com capacidade de produção diária de 2,7 mil barris, além da refinaria de Mataripe, que processava 2,5 mil barris por dia. Um começo modesto.

Hoje, o Brasil acumula mais de US\$ 1 trilhão em reservas de petróleo apenas no pré-sal. Em agosto de

2019, o país bateu recorde de produção diária de mais de 3,8 milhões de barris de óleo equivalente – petróleo e gás igualados.

A amarga ironia dos tempos é que os militares, defensores da criação da Petrobrás e que lutaram – dentro e fora do governo e do Brasil – em defesa dos interesses nacionais, estejam calados quanto ao destino do

país e da empresa. Não se sabe o que os militares que ajudaram a tirar a Petrobrás do papel pensam da venda de ativos – das refinarias aos gasodutos, passando pela distribuidora – ou do desmanche da empresa.

O futuro que se avizinha para a Petrobrás,

que ainda está entre as 10 maiores empresas de petróleo do mundo, não parece favorável. E isso ocorre ironicamente no governo liderado por um ex-capitão do Exército. O mesmo Exército que foi vital para colocar a Petrobras de pé e transformá-la na maior empresa nacional e numa das mais importantes do mundo.

2,7 mil

era o número de barris de óleo equivalente produzidos pelo Brasil em 1953

AMERICANO FEZ O ALERTA: BRASIL TEM FARTURA DE PETRÓLEO

O jornalista Samuel Wainer estava à frente da revista *Diretrizes*, nos anos 30 e 40, e foi pioneiro na abordagem da questão do petróleo do Brasil. Em junho de 1939, Wainer entrevistou o general Horta Barbosa, presidente do Conselho Nacional do Petróleo. Ele afirmava que havia petróleo no Brasil e que o governo estava decidido a garantir a exclusividade do Estado na exploração das jazidas.

“Ali começariam a germinar as sementes da futura Petrobrás. Ali, também, começaria a aprofundar-se meu interesse pela questão do petróleo, que me acompanharia por toda a vida”, contou Wainer na autobiografia “Minha Razão de Viver (1987). Em 1942, o geólogo americano Glenn Rugby, ligado a empresas de prospecção, veio ao Brasil e concedeu entrevista ao veterano repórter, assegurando à revista *Diretrizes*: na Bahia, havia mais petróleo do que no estado do Texas, nos Estados Unidos.





RANKING	PAÍS	PRODUÇÃO EM MILHÕES DE BARRIS POR DIA			
		2018	2017	2016	2015
1	ESTADOS UNIDOS	15,3	13,1	12,3	12,8
2	ARÁBIA SAUDITA	12,3	11,9	12,4	12
3	RÚSSIA	11,4	11,3	11,3	11
4	CANADÁ	5,2	4,8	4,5	4,4
5	CHINA	4,78	3,8	4,0	4,3
6	IRÃ	4,7	5	4,6	3,9
7	IRAQUE	4,6	4,5	4,4	4
8	EMIRADOS ÁRABES	3,9	3,9	4,0	3,9
9	KUWAIT	3,0	3	3,1	3,1
10	BRASIL	2,7	2,7	2,6	2,5
11	MÉXICO	2,1	2,2	2,5	2,6
12	VENEZUELA	1,5	2,1	2,3	2,6

Fonte: BP Statistical Review of World Energy WE 2019

O Brasil está entre grandes produtores mundiais

A disputa por petróleo é o que define a geopolítica no mundo. O ouro negro é o que mantém girando a roda da economia mundial. A cada ano o mundo bate recordes no consumo de petróleo. Em 2019, o consumo global vai superar a marca diária de 100 milhões de barris, e poucas nações têm reservas para enfrentar um futuro que assegure o caminho do desenvolvimento econômico e social.

Hoje, O Brasil está entre as dez maiores produtoras de petróleo do mundo. O país acumula mais de US\$ 1 trilhão em reservas de petróleo apenas no pré-sal. Tais reservas localizam-se em uma faixa litorânea de 800km de extensão que vai do Espírito Santo a Santa Catarina. O petróleo encontrado nessa região é de alta qualidade e localiza-se em área de três bacias sedimentares: Santos, Campos e Bacia do Espírito Santo.

Em agosto de 2019, o Brasil bateu recorde de produção diária de quase 3,828 milhões de barris de óleo equivalente – petróleo e gás igualados. A produção do pré-sal hoje já é maior do que a produção em campos terrestres e marítimos pós-sal. Nem sempre foi assim e a descoberta só ocorreu por conta da

decisão estratégica da empresa em investir em pesquisa e inovação.

O pré-sal foi descoberto em 2006, mas as pesquisas exploratórias começaram ainda nos anos 80. Antes, nos anos 70, em plena ditadura militar, sob a liderança do general Ernesto Geisel, a Petrobrás deu outro salto. Além de prospecção, produção e refino, transformou a insuficiência em superávit. Geisel implementou a política de conteúdo nacional, por meio do fortalecimento das compras internas. Com isso, milhares de empresas nacionais se desenvolveram. Na administração de

Geisel, construiu-se mais refinarias e começou a exploração em águas profundas, que resultou, nos anos 2000, na descoberta do pré-sal pelo governo Lula.

Enquanto a produção de petróleo ao longo das últimas décadas aumentou no país, graças às reservas do pré-sal, houve queda nos demais países produtores, por falta de investimento e ausência de descobertas de novas reservas de petróleo e gás natural. Foi o pré-sal que transformou a Petrobrás na empresa de petróleo com maior perspectiva de crescimento.

A Petrobrás em números

3 milhões

é o número da produção média diária de barris de petróleo e gás alcançado em agosto de 2019

US\$ 250 bi

foi o valor dos investimentos realizados pela Petrobrás entre 2009 e 2014

9,6 bilhões

é o número de barris de óleo equivalente estimado das reservas de petróleo no pré-sal

2,2 milhões

é o número da produção diária de barris de óleo equivalente apenas no pré-sal em agosto

94%

é o percentual da capacidade atual de refino da Petrobrás em território nacional



Fonte: Petrobrás

DESMONTE Estratégia de venda dos ativos da Petrobrás é suicida

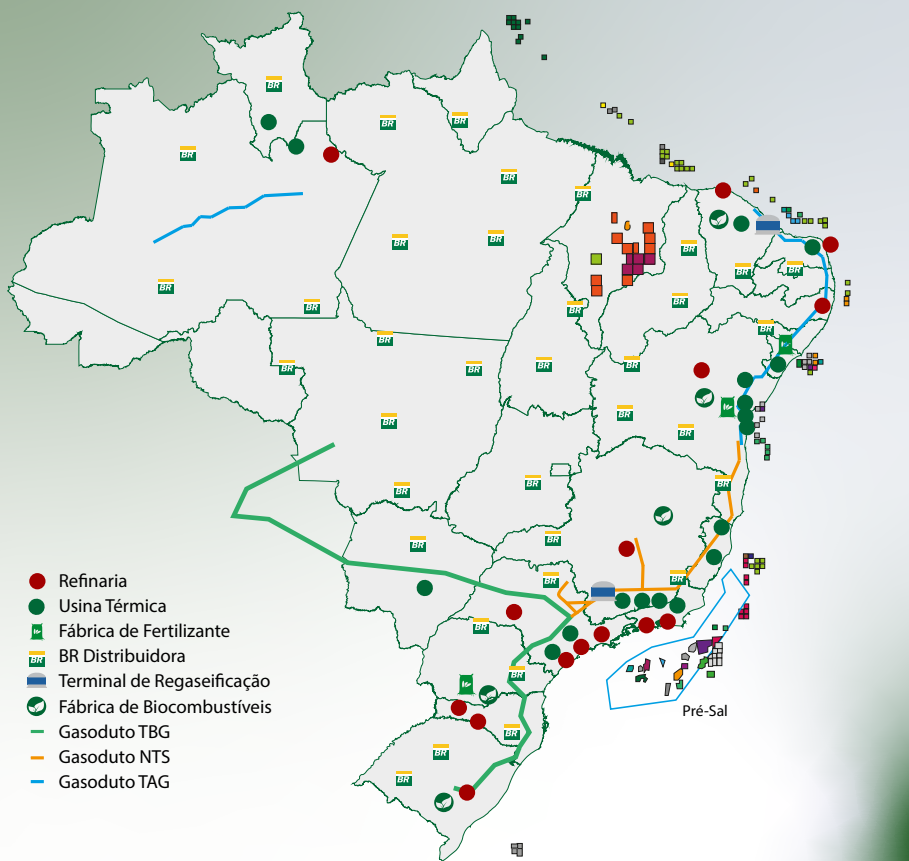
Governo abre mão de subsidiárias sem discutir com Congresso. Redes de gasodutos já foram vendidas, assim como a Liquigás

O governo Bolsonaro planeja a privatização da Petrobrás “por dentro”. Ou seja, o Palácio do Planalto quer promover a venda de ativos mais rentáveis e estratégicos da estatal abrindo mão do controle acionário, pulverizando as ações, reduzindo o papel da empresa a mera produtora e exportadora de petróleo bruto para garantir lucro aos acionistas. A equipe econômica quer o desmonte da Petrobrás, vendendo ativos com a desculpa de ampliar o mercado interno e reduzir o peso do Estado. Mas o Congresso Nacional sequer foi consultado pelo governo.

A alegação é que a Petrobrás dá prejuízo e não tem capacidade de investir pelos próximos anos. O valor da venda de ativos é irrisório em relação a geração operacional de caixa. Mesmo sem vender qualquer ativo a dívida líquida da Petrobrás seria reduzida de US\$ 115,4 bilhões para US\$ 81,19 bilhões, do final do exercício de 2014 ao final de 2018. Nenhum país do mundo abre mão da gestão de recursos estratégicos. O que se pretende é abrir espaço às empresas petroleiras internacionais – a grande maioria delas estatais de outros países. É suicídio.

O governo já vendeu duas redes de gasodutos – a Nova Transportadora do Sudeste (NTS) e a Transportadora Associada de Gás (TAG). A NTS foi entregue pelo governo Temer, em abril de 2017, quando a Petrobrás vendeu 90% das suas ações por US\$ 5,08 bilhões para um fundo de investimentos ligado à Brookfield Infrastructure Partners, com sede nas Bermudas. Já a TAG foi vendida em junho de 2019 por Bolsonaro, entregando 90% da participação

Ativos da Petrobrás em 2018



para a ENGIE e o fundo canadense Caisse de Dépôt et Placement du Québec por US\$ 8,6 bilhões.

Outra rede será vendida: a Transportadora Brasileira Gasoduto Bolívia-Brasil (TBG), que opera duto com 2.593km de extensão, de Corumbá (MS), na fronteira com a Bolívia, até Canoas (RS), atravessando 136 municípios em cinco estados. Têm capacidade para transportar diariamente 30 milhões de metros cúbicos de gás.

A Petrobrás também anunciou a venda dos terminais de GNL (Gás Natural Liquefeito), no Rio de Janeiro e Ceará, com termelétricas associadas. E está alienando 100% da

Liquigás Distribuidora, companhia líder no segmento de GLP envasado, com participação de mercado de 22,6% (atendido por botijões de 13 kg) e no mercado a granel, *market share* de 18,1%. A Liquigás tem infraestrutura logística única, com 23 centros operacionais, 16 armazéns, uma instalação de armazenamento rodoviário e ferroviário e base de carregamento, serviço contratado em sete fábricas de envasamento terceirizadas e dois operadores logísticos. A companhia conta com rede de mais de 4,8 mil distribuidores próprios, que atendem cerca de 35 milhões de consumidores residenciais por mês.

ENTREGA Bolsonaro se desfaz de controle da BR Distribuidora

Das 20 maiores petroleiras do planeta, só a estatal brasileira deixa de ter controle sobre sua distribuidora, com mais de 8 mil postos



Sem déficit, BR faturou R\$ 100 bilhões em 2018. Lucro aumentou 93,1% este ano

A BR Distribuidora obteve um saldo de faturamento de R\$ 100 bilhões no ano de 2018, alcançando lucro líquido de R\$ 3,2 bilhões no mesmo ano, de acordo com dados da própria empresa. Em termos comparativos, a BR Distribuidora apresentou crescimento de 93,1% no seu lucro líquido no primeiro trimestre de 2019 em relação ao mesmo período de 2018, conforme a Federação Única dos Petroleiros. A empresa não é deficitária e apresenta expressivo crescimento anual.

O governo alega que a competição é essencial para a melhoria e eficiência dos serviços prestados e a diminuição do preço final aos investidores. Assim, o processo de privatização, ao abrir espaço para a administração privada, colocaria

fim ao monopólio da Petrobrás. Só que a empresa não é uma monopolista desde 1995. A distribuição jamais esteve no rol das atividades monopolizadas. O mercado da distribuição de combustíveis é aberto. E mesmo sendo uma atividade de livre mercado, a Petrobrás sempre foi líder no segmento.

O abandono da verticalização é um erro. A indústria petrolífera do mundo busca a integração e a verticalização das suas atividades. As grandes petroleiras operam na exploração, produção, transporte, refino e distribuição. Essa é a lógica da indústria que lida com alto risco geológico e variáveis econômicas e políticas na formação do preço internacional. Assim, a verticalização reduz incertezas e mantém o controle da cadeia produtiva.

As vendas de ações e participações da Petrobrás nas redes de gasodutos, terminais de gás natural liquefeito (GNL), da Gaspetro e da Liquigás são apenas parte de um projeto de desinvestimento brutal da empresa. Em junho, o governo promoveu uma oferta pública de ações da BR Distribuidora no valor de R\$ 9,6 bilhões, reduzindo a participação da Petrobrás no capital social da BR de 71,25% para 37,50%. A perda do controle acionário não tem justificativa e é considerado um erro, porque torna a petroleira a única a operar no país sem uma distribuidora própria.

De uma lista das 20 maiores empresas de petróleo do mundo, a Petrobrás será a única a não contar com uma distribuidora própria. A subsidiária é a maior empresa de distribuição e comércio de derivados de petróleo do país, possui mais de 8 mil postos de serviço em todo o Brasil e é a maior empresa brasileira do setor de atacado, a maior do setor de comércio e a maior empresa privada em receita operacional.

A diretoria da empresa já manifestou a intenção de desativar a produção de suas três fábricas de nitrogenados de Camaçari (BA), Laranjeiras (SE) e Araucária (PR), com capacidade de produção de 1,8 milhão de toneladas de ureia e 1,406 milhão de toneladas de amônia por ano. Caso confirme a privatização das fábricas de fertilizantes, o Brasil ficará completamente dependente de importações de insumos estratégicos para um conjunto de atividades produtivas decisivas para economia nacional, incluindo o agronegócio.

Petrobrás pós-Bolsonaro



MENOR Foco limitado ao Rio e São Paulo, explorando o pré-sal

No passado, a Petrobrás corria para bater recordes de produção e refino, buscando a autossuficiência do país em petróleo e derivados. Sob Bolsonaro, intensificou-se a corrida pela privatização de ativos, em todos os segmentos de atuação da empresa.

O plano de desinvestimento da Petrobrás prevê a venda de ativos em refino e logística associada no país. O governo quer vender por US\$ 20 bilhões oito refinarias. A ideia da equipe econômica de Paulo Guedes é que, até 2022, ao final do governo Bolsonaro, a empresa estará limitada a operar o pré-sal e atuar no mercado de refino no Rio de Janeiro e São Paulo, mantendo ainda a Refinaria Potiguar Clara Camarão, no Rio Grande do Norte.

A venda de refinarias por pouco mais de R\$ 80 bilhões terá impacto direto no processamento de petróleo no país. As oito plantas que a

Petrobrás pretende vender representam aproximadamente 50% da capacidade de refino nacional, totalizando 1,1 milhão de barris por dia de petróleo processado. Atualmente, a Petrobrás conta com 13 refinarias, um unidade de industrialização do Xisto (SIX), no Paraná, e o Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro, o Comperj.

A diretoria da Petrobrás aprovou a venda de Abreu e Lima (PE), Xisto (PR), Presidente Getúlio Vargas (PR), Landulpho Alves (BA), Gabriel Passos (MG), Alberto Pasqualini (RS), Isaac Sabbá (AM) e a Refinaria de Lubrificantes e Derivados (CE).

A empresa também se livrou de todas as empresas em que mantinha participação ou operava em 16 países: Estados Unidos, México, Colômbia, Paraguai, Uruguai, Argentina, Chile, Bolívia, Peru, Nigéria, Tanzânia, Angola, Reino Unido, Holanda, China, Japão e Singapura.

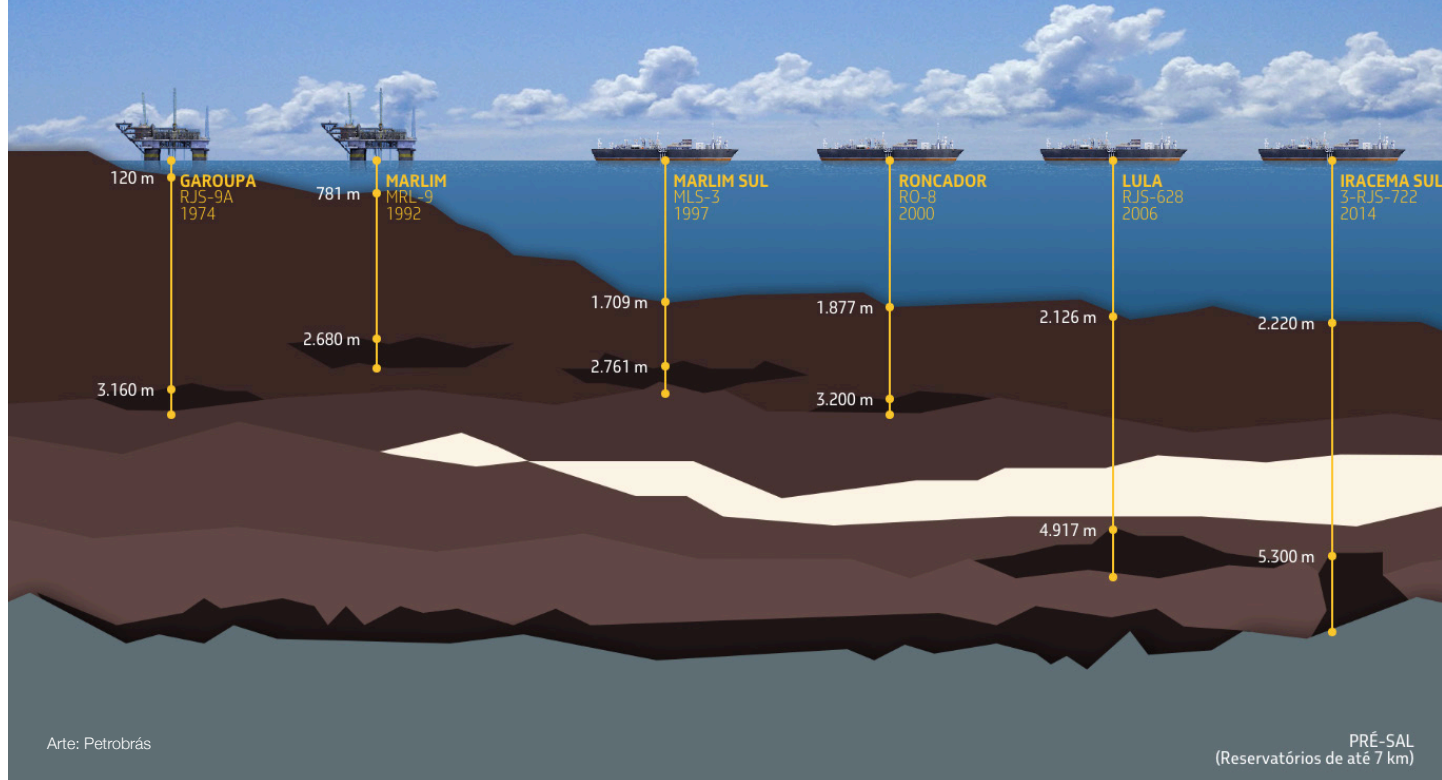
PETROBRÁS ABRE MÃO DE MERCADOS

Além da saída do mercado de gás, abrindo mão de redes de gasodutos, da BR Distribuidora, da Gaspetro, das fábricas de fertilizantes, a Petrobrás também optou por deixar o setor de biocombustíveis e termelétricas. A empresa vai vender ativos nessas áreas, desnacionalizando setores inteiros e promovendo o fim da política de verticalização – do poço ao posto.

A nova política acaba com a internacionalização da companhia, reduz e limita a capacidade de investimentos, abre espaço para a importação de bens e equipamentos e entrega o patrimônio aos fundos de investimentos.

Todas as participações da empresa em concessões para a exploração de petróleo e gás – terrestres e marinhas, rasas e profundas, exceto no Pré-sal – serão vendidas. Atualmente, a Petrobrás detém forte presença e participação nos campos de petróleo no país. A ideia é que a petroleira fique concentrada apenas no pré-sal.

A empresa vai abrir mão das concessões nos polos Cricaré, Lagoa Parada, Cluster de Peroá, todos no Espírito Santo; Recôncavo, Rio Ventura e Tucano Sul, todos na Bahia; todos os polos da Bacia de Campos (RJ); os campos de Piranema e Piranema Sul e as águas profundas de Sergipe e Alagoas; os polos Sergipe, Ceará e Rio Grande do Norte de águas rasas; todos os campos terrestres no Nordeste espalhados por Sergipe, Ceará, Bahia e Rio Grande do Norte; o Campo de Baúna e o Pólo Merluza, na Bacia de Santos (SP); os Campos de Azulão e Juruá, no Amazonas.



LEGADO Nos governos Lula e Dilma, investimentos chegaram a US\$ 365 bi

Em uma década, exploração no pré-sal chegou a 2,4 milhões de barris por dia. Petrobrás deu saltos tecnológicos e de produção

Em uma década, do primeiro poço no pré-sal em Jubarte, na Baía de Campos, em 2008, até o ano passado, quando a Petrobrás atingiu a marca de 1,5 milhão de barris de petróleo por dia (bpd) naquela província, o Brasil tornou-se um dos dez maiores *players* do planeta, dono da última grande fronteira petrolífera a ser explorada no mundo.

A Petrobrás deu imensos saltos tecnológicos e de produção, com investimentos realizados durante os governos Lula e Dilma que chegaram a US\$ 365 bilhões (2003-2015). Isso explica como a produção saltou de 41 mil bpd em 2010 para 1,5 milhão em 2018. Em agosto de 2019, chegou-se a 2,427 milhões de barris de petróleo equivalente – óleo e gás. Isso é fruto de pesquisa e inovação genuinamente brasileiros.

O pré-sal foi descoberto oficialmente em 2006 graças às pesquisas realizadas em águas profundas pela Petrobrás ainda nos anos 70, com o



desenvolvimento de tecnologia pioneira e exclusivamente desenhada no Brasil. Estimada em 800 km, a província do pré-sal se estende de Santa Catarina ao Ceará. É composta por grandes acumulações de óleo leve, de excelente qualidade e com alto valor comercial.

Uma realidade que coloca o Brasil em uma posição estratégica frente à grande demanda de energia mundial. Hoje, o pré-sal é uma das áreas mais

competitivas da indústria global. A comparação com o próprio histórico de produção da Petrobrás dá a dimensão dos resultados alcançados: foram necessários 45 anos, a partir da criação da empresa, em 1953, para alcançar a produção do primeiro milhão de barris de petróleo, em 1998. Em 20 anos, a produção da petroleira chegou a 3,8 milhões bpd. Hoje a produção do pré-sal é superior à produção terrestre e do pós-sal.